

## 6 Considerações Finais

Na presente pesquisa, visitamos inicialmente os novos paradigmas do trabalho no século XXI. Vimos as principais mudanças no trabalho e na ciência ao longo do século XX, a criação da Internet e o surgimento do trabalho colaborativo. Abordamos rapidamente essas mudanças sob três aspectos: da economia, com a sociedade do conhecimento; da comunicação, com as tecnologias da informação e comunicação e o modelo de muitos para muitos; e do trabalho, com a crise do modelo corporativo tradicional e o surgimento de um novo modelo de trabalhador, detentor dos meios de produção. Fizemos então algumas considerações para designers da informação e trabalhadores do conhecimento.

Vimos que o trabalho sobre a informação consiste em um conjunto de etapas que agregam valor a essa informação e que tais etapas são executadas por uma ampla gama de profissionais, de áreas diversas, como engenheiros da computação, analistas de sistemas, diretores de marketing e muitos outros. Nesse cenário, desponta então um novo desafio a esses profissionais do conhecimento: adotar novos parâmetros de produção, como a colaboração e a cooperação, a partir de uma visão abrangente do Design, que considere a complexidade, o diálogo e a interdisciplinaridade.

Não poderíamos deixar de dedicar uma parte deste trabalho às potencialidades da Educação nesta nova sociedade. Traçamos, então, um panorama da Educação no contexto da pós-modernidade, ao abordar as mudanças sociais que implicam mudanças na educação, considerando o aluno como centro do processo de aprendizagem. Ressaltamos também as habilidades gerais necessárias ao profissional da informação nessa sociedade, dentre as quais podemos destacar: a capacidade de trabalhar de forma colaborativa e cooperativa; a habilidade de comunicar ideias e ter abertura ao diálogo e; ter visão global. Dessa forma, vimos que é indispensável a esse profissional *aprender a aprender*,

orientando a sua própria formação e *aprender a ser*, desenvolvendo-se como ser humano, individual e coletivamente.

Tratamos ainda das mídias na educação, considerando o homem imerso em mundo midiático, exploramos as potencialidades das mídias como mediadoras do processo de aprendizagem e dissertamos brevemente sobre o uso das TIC na Educação.

Posteriormente, visitamos dois conceitos que se mesclam neste trabalho: a interdisciplinaridade e o diálogo. Vimos como a interdisciplinaridade se constrói a partir do diálogo e como ambos os conceitos se fundem no design.

No terceiro capítulo, abordamos o cenário no qual se insere este trabalho de pesquisa. Traçamos um breve panorama da EAD no Brasil, com seus principais marcos. Citamos alguns dos diferentes modelos e os componentes de um sistema de EAD. Analisamos alguns números sobre o crescimento da EAD e mencionamos alguns pontos críticos que devem ser observados nesse quadro recente.

Posteriormente, dissertamos sobre materiais didáticos para EAD. Abordamos algumas definições e visões sobre o tema, bem como suas características, variações e classificações. Citamos os pontos fortes e fracos de cada mídia e fizemos considerações sobre o planejamento e a integração de mídias em EAD.

Finalizando o terceiro capítulo, abordamos as diferentes acepções do Design na EAD, Design Instrucional (e suas variantes) e Design, de onde se sugere que haja uma atuação em parceria.

No quarto capítulo, foram apresentadas a pesquisa e a análise dos resultados. No material analisado, observamos algumas aproximações e distanciamentos em relação às falas dos entrevistados, onde pudemos identificar algumas características presentes no processo de produção de materiais didáticos nas instituições pesquisadas, no que se refere aos tópicos abordados, segundo a percepção dos entrevistados. Dentre os pontos identificados, merecem destaque os problemas que ocorrem em decorrência da falta de comunicação e/ou compartilhamento de informações e visões.

Finalmente, no capítulo cinco, sugeri um possível percurso para o desenvolvimento de materiais didáticos para educação a distância, englobando as principais etapas de um curso nessa modalidade. Merecem destaque, neste capítulo, a tentativa de combinar, de forma alinhada, comunicação, entregas e expectativas com atitudes de cooperação, colaboração e diálogo.

Embora eu tenha dedicado bastante tempo na elaboração deste trabalho, somente a prática poderá avaliar o percurso sugerido. De certa forma, o processo global não apresenta muitas diferenças em relação ao que se vê na maioria das instituições que desenvolvem cursos a distância. Embora muitas instituições adotem métodos próprios, em essência são, em sua grande maioria, derivados do modelo ADDIE.

A ideia maior por trás deste trabalho é posicionar as lentes em direção ao diálogo, sem que isso implique necessariamente em baixos índices de produtividade. O aprendizado a partir do interesse legítimo em aprender parte de uma atitude essencial ao diálogo, uma atitude de abertura perante o outro, que envolve saber ouvir e querer ouvir.

Somente há pouco tempo a educação a distância vem se desvencilhando dos tabus e preconceitos que a revestiam. Os pressupostos coletivos ainda a ligavam a uma época onde quase não havia interação. As ciências, por sua vez, foram obrigadas a reaprender a dialogar, ao lidar com novos conceitos até então impensáveis. As relações de trabalho estão sendo alteradas progressivamente, com o estabelecimento de novas redes de conhecimento que se sobrepõem às estruturas tradicionais hierárquicas. Alguns de nossos pressupostos estão sendo seriamente questionados e será preciso analisá-los com clareza.

A necessidade da sociedade em se adaptar a mudanças vai ao encontro do que deve ser um dos maiores desafios da educação: desenvolver nas pessoas a habilidade de aprender. Acredito que as condições necessárias ao diálogo são o caminho para o alcance deste objetivo.

Se o percurso sugerido para a produção de materiais didáticos pode de fato promover resultados promissores, só a experiência poderá dizer. Pesquisas futuras poderão avaliar mais precisamente essa hipótese. Mas hoje, não tenho dúvidas de que o caminho do diálogo é, por si só, promissor.

Futuramente, muitas contribuições poderão ser feitas a este trabalho. Existem técnicas já bastante desenvolvidas e aplicadas com sucesso em muitas instituições como intuito de promover o aprendizado organizacional em projetos. Uma dessas ações é a adoção da prática conhecida como lições aprendidas. As lições aprendidas são definidas como experiências-chave em projetos que possam ter algum impacto geral nos negócios para projetos futuros. Elas precisam ter sido validadas por uma equipe de projeto e representar um consenso sobre uma idéia central que deverá ser considerada em futuros projetos (SCHINDLER e EPPLER 2003, p.220). Para que esse conhecimento não se perca, é fundamental haver o registro dessas lições aprendidas.

Entretanto, o campo que considero mais fértil para desdobramento dessa pesquisa é o desenvolvimento de práticas e técnicas que primem por uma atitude dialógica. Aplicar o percurso sugerido seria, a meu ver, o primeiro passo na tentativa de aperfeiçoar um modelo de produção com bases atitudinais, que poderia ser também expandido a outros campos de conhecimento.

Para realizar essa primeira aplicação, recomendo algumas características gerais quanto aos participantes e quanto ao projeto como um todo.

Primeiramente, é importante buscar profissionais com algum entrosamento e experiência na área. Isso evitaria dificuldades de comunicação maiores que as já mencionadas nessa pesquisa. Recomendo também a adoção de uma equipe enxuta, com três a cinco participantes.

Da mesma forma, um projeto com escopo simples e bem delimitado, que exija dos participantes competências não muito além das que já possuem, seja de domínio dos participantes. Também é importante que o escopo seja demasiadamente simplório, o que poderia afetar a motivação dos participantes.

Por último, convém adotar, para essa experiência inicial, prazos e condições de trabalho factíveis com a realidade, evitando desvios nas análises e nos resultados obtidos ao final da pesquisa.